



Dr. Antonio Lino Netto

Distinto professor dos Institutos Superiores Technico e do Commercio de Lisboa,  
orador primoroso e deputado catholico por Portalegre.

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR e EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA  
(PAGAMENTO ADEANTADO)

*Portugal e colonias*—Um anno, 4\$800.

Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 ES.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador,  
acresce o importe das despesas.

*Extrangeiro*—Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 ES.

**Numero 273**

Braga, 21 de setembro de 1918

**Anno VI**

# Monte-Pio de S. Vicente e S. Antonio Portuguez

## Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

● Clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Melo, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

- 1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não sofre de molestia actual, ou habitual (palavras textuaes).
- 3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcebispo, ou Ovidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João: faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos mehores e com apatimento de 20 por cento nas farmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no retiro do jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



## FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

### Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero



## Collegio de S. Thomaz d'Aquino

### BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

### Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial e Instrucção Primaria..

Vago

## Colégio Académico

GUIMARÃES

### Campo da Misericórdia

A casa de educação e ensino mais antiga desta cidade

Bons resultados nos exames e sólida educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores.

*Dr. Alfredo Peixoto*

*Luiz Gonzaga Pereira*

*P.º José Maria dos Santos*

Vago



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

— O O —

Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Veloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 21 de Setembro de 1918

Redacção, Administração e Typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 273—Anno VI



BARCELLOS — O rev. Joaquim Gaiolas, parcho da villa, administrando a primeira communhão ao filhinho do bondoso negociante snr. Sebastião de Brito.

(Cliché de A. Saucosaux).



Por José Agostinho.



É monóculo, flôr na lapella, uma brochura debaixo do braço, aquelle grande homem veio decerto de Paris, ahí pelas alfuras de 1880 e domiciliou-se em Lisboa, d'onde vem irradiando até á propria Braga, sempre com o mesmo monóculo, a mesma flôr e a mesma brochura...

A sua presença é, como sempre tem sido e sempre será, signal de propaganda. É uma propaganda com programma firme, rígido, methodico.

Progresso. Arte. Livre-exame. Nada de conservar. Visão livre do Bello. Emancipação da consciencia.

O referido sujeito encontrou aqui uma bella terra, florida e generosa, cheia de ignorantes, de basbaques, de simplicios. Deu-se logo muito bem. O ar vivo das montanhas, até esse, tem caricias ineffaveis para os seus pulmões, para a sua cutis, para o seu sangue.

As cidades, anciosas por imitar Paris, davam ao grande homem, suspeito de parisiense, a maior receptividade e tantos elogios nas suas gazetas, tantos vocabulos gallicanos, que chegava a parecer estarem francezas de repente.

O grande homem encantou-se e ficou. Recebiam-no todos de braços abertos. O proprio Paço real, emquanto elle lhe minava os alicerces, o admittia com distincção e jubilo, e muito clero, amodorrado pelo liberalismo elegante, não dava conta do cunho maçónico, chapadamente subversivo, de tanto primor e novidade.

Era nos curiosos tempos em que o Visconde de Ougella beijava o anel do Patriarcha, escondendo debaixo da casaca os chavelhos de Satanaz.

O Eça emergia. Palpitava já o embrião dos funambulos que mais tarde feimaram em ser chamados vencidos da Vida. O Centenario de Camões resplandecia, iludindo os patriotas ingenuos, insinuando com perfidia a demolição jacobina. Bons tempos! dirá Antonio Candido, a pezar de padre.

O grande homem encontrou depressa mulher. Chama-se a Indifferença. Queriam fervor religioso? A santa creatura não questionava: era-lhe isso indifferente. Indifferente lhe era qualquer morel. Indifferentes lhe eram os systemas politicos tanto como os costumes. Nem as desgraças alheias a commoviam. Aos pobres do pão do corpo ou pão da alma via-os como normalidades que não interessam ninguem se não porque podem dar uma diversão, em contraste com as vistosas opulencias do ouro ou do talento.

Chegou o grande homem ao pé d'ella, e viu que lhe sorria como a toda a gente. Depois, notou que dominava tudo e todos sem esforço.

Que bello partido! Que excepcional, e omnipotente mulher! E o grande homem cortejou-a e despresou-a, ganhando n'ella o melhor, o mais inabalavel dos alliados. Conquistou facil e...

Depois... depois veio a prole. Qual é ella? A que nos... governou e pretende tornar a governar-nos.

Mas illudem-se os leitores, se julgam que venho fallar em politica. A melhor prova do que affirmo está em que o grande homem, afinal, não faz da politica um caso de maior. Será elle mais do que um simples e tenaz demolidor? E, se para elle tudo é demolir, que lhe importam os systemas politicos? Só o que n'elles prometta elementos de demolição, e esse tanto pode palpar n'um regimen coroado como n'um regimen de barrete phrygio.

A questão está em que a moral religiosa e o sentimento nacional desamparem o poder. Quando isso succede, a demolição é fatal, certa, indominavel. Não a detem o throno, se recebe confiadamente as suas visitas. Não a evita a democracia, se lhe entrega a orientação dos seus destinos.

É que elle tem o nome de Sectarismo, carissimos leitores, embora, de monóculo, de flôr na lapella e formosa brochura debaixo do braço, tenha o ar primoroso e artistico d'um grego de Hellade, d'aquelle tempo doce em que os gregos da Hellade não se falsificaram, dando contrabandistas dos vicios da Turquia odiosa...

Ora, n'esta ultima semana, o grande homem tem desenvolvido uma actividade prodigiosa. Como nunca, tem semeado o progresso da anarchia, a arte dos livres costumes, a emancipação de consciencia que não admite nem Deus nem Patria nem Lei.

É a Indifferença, absoluta sen ora da grande maioria dos portuguezes, apiana-lhe o caminho, adormece as consciencias, paralysa as corações, dissolve os caracteres, collaborando tão effizacmente com o venenoso e vistoso merido, que chega a parecer impossivel aceitar-se a legitimidade pura de qualquer auctoridade e poder.

Mas, que faremos nós todos diante do grande homem, se ha mais de 30 annos o agasalhou ingenuamente o proprio Paço, deixando-o ser seu escandaloso commensal na presença do povo simples e ignaro?

Que admira que tenha agora consigo as forças vivas... d'este regimen, se a sua existencia está tão integrada no nosso meio, que dos resplendores do seu monóculo, dos perfumes da flôr da sua lapella, e da phantastica doutrina da sua brochura, vivem hoje os que se dizem portadores unicos das ideias, dos sentimentos e das energias?

E não são estes os que ainda predominam, affrontando a grande maioria... aliás, conquistada pela Indifferença, e daminha esposa do grande homem?

Emfim — diga-se baixinho, mas diga-se sempre — não o acompanham mesmo alguns maus padres e falsos catholicos?



# SERÕES AMENOS



DE FREY G. L. DA SOLEDADE,  
EGRESSO DA FALPERRA.

LIV

## Diccionario enygmatico.



Não se deve andar sempre a puxar pelo nariz, que se estraga. E veremos a importância que lhe dão os medicos na economia da saúde geral. Visto que as férias me obrigam a interromper por algumas semanas o assumpto que nos tem entretido os serões, vou convidar os leitores a collaborarem conmigo numa obra que, se chegar a vêr a luz, será interessantissima. Desde já prometto que lhe farei, para prologo, um largo estudo sobre o assumpto, que é o mais ameno e curioso do que á primeira vista parece.

Vamos ao caso. Estou escrevendo á uma velusta casa de campo, alcañorada na vertente de um dos cont'afortes do maciço orographico do Suajo. Começo a beneficiar os leitores esganando á nascença uma descripção d'estas serranias, e dos Tylros e Galatheas que as povoam, descripção em que eu, com a perversa tenção de espavorir os leitores, tencionava erigir de bastas citações de versos de Theocrito e Vergilio.

Uma i'ca que trago na gera desde muito acabei hontem conmigo apresentá-la já aos milhares de leitores da *Illustração*, para que, se lhes cair em graça, me ajudem a compilar um riquissimo volume de serões amenos, em que muitas pessoas podem colaborar com alguma pagina inedita.

Os nossos bons avós, nas longas noites de inverno, passavam deliciosas horas á lareira propondo adivinhas e aguçando o ingenho em as compôr e decifrar. Pois hontem, ao crepitar das achas entre potes na lareira da cozinha terrea d'esta Thebaida, decidi propôr aos leitores formarmos todos um volume das adivinhas que pudermos recolher por essas provinçias. Qualquer leitor na sua terra com pouco trabalho e o minimo dispendio de um postal, pode contribuir para a obra, mandando, em letra bem legivel, as adivinhas que por lá correm, ou que tiver excogitado.

Mas cuidado! Nada de charadas, de logographos e outros quebra-cabeças, que não nos interessam, pelo menos por agora. Essas adivinhas, depois de publicadas aqui, serão dispostas por ordem alfabética e formarão um *Diccionario enygmatico* delicioso para serões, na provincia, e até, para as horas de ocio de quem gostar de tal entretenimento, muito menos noivo que outros.

Para que os leitores não percam tempo e trabalho entendendo mal o que pretendo, guiem-se por estes exemplos. São algumas dez-nas de enygmata velhinhos — alguns posso provar que tem pelo menos um seculo de vida *Impressa*; encontrei-as ha tempos num caderninho manuscrito, que trouxe na mala, com o Evangelho, o Vergilio e o D. Quixote, para levar parallelamente a cura do espirito e do corpo ao ar sadio d'estas brenhas. As adivinhas vão litteradas e as decifrações no proximo serão. Quer dizer, se os leitores se quiserem dar á pachorra de adivinhar as que proventura não conheçam, a letra, que é inicial da respectiva decifração, já os guia... o diccionario, sempre amavel, fará o resto.

A

Tenho uma vida de escrava  
Com captivoiro tão mau,  
Que, sem eu fazer delicto,  
Me mandam correr a pau

Pelos tratos que me dão  
Nunca velha chego a ser.  
Meu senhor se alegra muito  
De ver meu sangue correr.

Acabo martyrizada,  
Mas em boa opinião.

DO

Meu sangue é útil ás vezes,  
Tem muita veneração

B

Qual é a palavra que é apellido e tocha?

C

Quem a faz não a deseja,  
Quem a vê não a cubiça;  
Quem a logra não a sente  
E é precisa a toda a gente

D

Sou de quatro divisões,  
Sustenta-me uma columna;  
Tenho alguma semelhança  
Com a roda da fortuna.

Que lhe não faça paradas  
Meus donos de mim pretendem.  
E quando querem que corra  
Com uma cinta me prendem.

Mas sem eu ser curiosa,  
Chocalheira, infrometida,  
Não me livro de me ver  
N'alguns enredos metida.

E

Nada tenho de bonita,  
Porém tenho bom cabello;  
Gente porca não a soffro,  
Porque lhe vou logo ao pêlo.

Gente açada me estima  
Pelo prestimo que tenho.  
Não enjão a quem me busco,  
Porque sempre vou e venho.

Já sou antiga no mundo;  
E tanto ser velha, se prova  
Que estou por um és não és  
A cair sempre na cova.

F

Em sendo velha sou rica,  
Mas em nova ando co'os pobres.  
Ando até de porta em porta  
Para ganhar alguns cobres.

Despem-me o fato que trago  
E que ninguém quer trazer.  
Até os olhos me tiram  
P'ra mais infeliz me ver.

Sou desprezado dos ricos  
Sem mal algum lhes fazer  
Mas em se mettendo em zangas  
Sempre comigo vêm ter.

G

Tenho corôa e não sou rei; tenho esporas e não sou cavalleiro, toco matinas e não sou sineiro.

H. I. J. K.

Nenhuma adivinha compilou o dono ou dona do venerando *caderninho*, para estas letras.

No proximo serão continuaremos.

Convém que os leitores de boa vontade aproveitem qualquer material que appareça, quer impresso, quer na tradição oral, sem alterar o sabor popular dos versos, embora imperfeitos, e não desprezando as variantes. As decifrações devem acompanhar as remessas, assim como o nome do compilador, e da localidade, figurando os nomes dos obsequiosos colaboradores na compilação final, se assim o desejarem, o que presumirei quando não indicarem o contrario.

Não enjeitem as adivinhas ingenuas, porque os melhores fréguezes d'estes acepipes são as creancinhas. Que olhos! Que olhos ellas deitam a frey Gil, quando matutam a decifrar! São os mesmos olhos que frey Gil deitava ao santo velhinho de seu avô, que com Deus seja!

DO



## O avanço de Foch. Retorno offensivo de Hindenburg?

**P**OR maiores que sejam as divergencias dos criticos militares uma affirmação unanime se lê em todos os jornaes: *a guerra entrou na sua ultima phase.* O velho Clemenceau correspondeu á anciedade da França e, de accordo com a livre America, impoz á Inglaterra — que nem sabe orde pára o seu esplendido isolamento. . . — a unificação do alto commando, nos dias criticos de Chateau-Thierry.

Só d'esta maneira se tornou possivel a repetição do *milagre* do Marne. Agora estão frente a frente, como dois gladiadores, cuja imensa arena fosse o mundo inteiro, os dois grandes marechaes *Foch* e *Hindenburg*. Ambos deram as mais inequivocas provas do agudo talento militar, que se requer nos nossos tempos. Resta saber qual dos dois pode conservar e manter o espirito moral das suas tropas e manobrar as reservas no momento supremo e decisivo, que se approxima. . .

E' incontestavel que Foch tem bons nervos. Quando o Principe Herdeiro se approximava de Paris, com mais talento e mais audacia do que won Kluck, e já o desanimo começava a invadir toda a gente, não faltou *quasi nada* para a França succumbir. Os soldados batiam-se como leões — mas como leões impotentes e enaúlados, que morressem com desespero e com raiva. Começavam a julgar-se perdidos. Cediam sempre, sempre. . . sob o vendaval de fogo, cujos relempegos sinistros se avistavam claramente de Montmartre, como um aviso de

mau agouro. . . Foi então que Pétain distribuiu a sua ordem do dia, que o immortalisou como a ordem de Gallieni. O exercito comprehendeu que esse appello commovente era o ultimo appello que se faz a um soldado. Ou vencer ou deixar-se matar. E galvanizado de dôr e de heroismo, recorrendo ás suas forças ancestraes, implorando o soccorro dos mortos — esses phantasmas que dão força e coragem aos vivos — deixou de recuar, susteve o impeto do inimigo, e, sem um instante de repouso, correu sobre elle, apertou-o n'uma muralha d'aço, perseguiu-o em direcção ao Rheno. . . A linha da frente, com as duas enormes bolsas de Montdidier e Chateau-Thierry encolheu se mais uma vez. Foch conservára o sangue frio. . .

. . . Entretanto, no meio de todo o entusiasmo, esquecia-me de fazer estas simples anotações: em dois mezes de plena e continua offensiva os exercitos alliados não conseguiram apanhar duzentos mil prisioneiros. O material e despojo abandonados ficam muito áquem do que seria de esperar. Tambem os francezes ainda não entraram em Cambrai, e de Cambrai a Maubenge.

Verdade, verdade que a collaboraçãõ americana é ainda incompleta e a ingleza inefficaz. . .

Hindenburg voltará?

13 — IX — 918.

M S.



# Cruz bemdita

Deus prova n'este mundo a quem mais ama!  
Por isso nos mandou o pão da dôr.  
Mas elle é rico para quem o chama,  
e soffre com amôr!

Jâmais a cruz excede a força humana  
d'aquelle, que se alenta em sua fé!  
Arma ou deleite mau de mão tirana  
a nossa cruz não é!

E' sim beijo de Pae, que purifica  
e torna mais amigo o coração!  
E' roseira que fere, mas que é rica  
em flor de expiação!

E quando uma alma sente, como a nossa,  
grandes culpas não tem para expiar,  
é de meritos fonte, p'ra que possa  
maior premio alcançar!

Animo, pois! O vosso Pae celeste  
está contando os pacientes ais  
do coração, que em suas mãos puzeste  
p'ra o não deixar jámais!

E por dias e seculos de gloria  
pagará essa cruz que elle vos deu!  
Só depois do lutar é a victorial  
Depois da cruz o ceu!

*P.º Nunes Tavares.*



# A voz da terra



Aos que a escutam

**COMEÇAVA** de pardejar um poente de agosto, sobre a linha ondulante das montanhas; já sombras teciam largas teias de encontro ás dobras do valle; e um diffuso tom azulino ia envolvendo tudo, cambiando e fundindo os coloridos, adocando a luz...

Foi áquella hora que elle levantou a alduba do portello, no regresso da villa. Os dois pequenitos viram-no do eirado e foram logo para dentro a correr:

— O' mãesinha, o pae chegou agora!

João chegava com effeito para cear. Alto, magro, mas bem proporcionado, a côr pallida illuminado por uns bellos olhos pretos, tornava-o, como que um typo estranho áquella vida sã, intensa e tisnada da lavoura.

Em pequeno, e bem que fosse o mais velho, o pae havia dicto:

— Este rapaz não vae dar nada co'a enchada na mão.

E sahira certo. Luz enfontecendo a phalena, dia a dia a villa fôra o fóco que o atrahia, — como se a aldeia, os dois campinhos que o pae lhe dera ao casar, fossem afinal o exilio, e a conversa pelos tascos e officinas o ideal preferido por quem como elle, se julgava predestinado a vãos mais amplos que os das aves, no triumphal esplendor do céu rustico...

Quando a mulher d'uma vez lhe observára o prejuizo que de tal conducta recahia sobre a casa e sobre a cabeça dos filhinhos, elle sorria desdenhoso:

— Então tu pensas que isto é vida? Ir uma pessoa abrir levadas pela manhã e fecha-las á tarde, e roer ahí umas codeas enquanto outros fazem fortuna? Eu bem vejo nos jornaes o que rapazes de bom acerto fazem: Sahem d'aqui e vão á cidade ganhar em oito dias o que a terra não dá n'um anno...

— Mas teu pae...

Sim, meu pae mandou-nos para o pé d'estes bocados de terra, julgando que elles nos dariam de comer, quando nem sequer chegam para as gallinhas que esgaravavam alli foral...

Esta ideia fixa da riqueza a fazer-lhe negações do longinquo humor da cidade, cravou-se-lhe fundo no espirito, e nunca mais de lá se desarraigou. O desprezo da terra-mãe volvéra n'uma obsessão para elle; e a mulher, lamentando a sua má sorte, teve de ir pedir ao sogro que amparasse os dois campinhos, visto que João os regeitava dos seus cuidados, e o que do trabalho irregular feito na villa elle auferia, não chegava para sustento do casal. Acceheu o velho:

— Não se faz nada d'elle! Eu irei escorando isto enquanto puder; vae descansada, rapariga! O dianho foi o Zê ter entrado a soldado e já não haver remedio para elle não marchar p'rá guerra... E' d'outra casta, mais á minha feição, e ajudava-me!... Mas vae descansada, mais os netinhos. As terras ainda dão para todos, como já deram para meus paes!...

E Maria lá voltou, com os filhinhos pela mão, aos affazeres da casa, a que tirava umas escapadellas para ir vigiando os milhos, as batatas e o mais plantado, e auxiliar o sogro no que podia.

O marido todas as tardes reentrava para reeditar a doidejante descripção dos seus sonhos, assoprados pelo demónio enganador que borrifava de facécias, á meza dos estancos, a vida aldeã — os labregos —

por entre granadas turbidas de risota.

N'aquella tarde, João parecia respirar mais orgulho, deitando, ao fallar, o busto para traz, e atirando gestos largos como se voltasse possuidor do segredo de abarcar mundos e mundos.

Assentou-se, pediu a ceia, e, não esperando por ella, annunciou:

— Maria, amanhã vou-me embora!

— Vaes adonde, homem de Deus? bradou ella, virando-se com a panella do caldo suspensa das mãos.

— Vou-me embora, e então? Estou contratado. Vou p'rá França. Parto amanhã de manhãinha p'ró Porto, já me deram dinheiro p'rá passagem, e depois vou co'os outros p'rá França!



Não se faz nada d'elle!...



Maria poisara a panella, e fitava-o attónita, como se acabasse de receber a nova da morte d'um filho.

— É que vaes tu fazer pra tão longe. João? D'ra que nos vaes deixar, meu homem?...

— Ora essa! Vou ganhar dinheiro, mulher! Vou busca-lo onde o ha. Pois pensavas que eu ficava afido a isto, a esta vida de pobres, a desenterrar batatas, a...

— Teu pae assim fez a casa remedeada onde tu nasceste, João...

— Ora meu pae! Meu pae é... é um *labrego*, ali tens! Ainda reza por boas contas, o velhote! Vae de manhã p'ró campo e do campo vem à noite, sem um vintem a mais e a menos com o que comeu durante o dia. Sabes quanto a gente vae ganhar — não fallando nas terras que vae ver? uma libra por dia, mulher, e em oiro!...

— Mas, ó homem, a vida assim cara como está, em terras a escorrer tanto sangue, a que te chega uma libra? A terra trabalhada dá pra todos os dias... É como ha de a gente viver até que te paguem! Valha-nos Nossa Senhora! Demais a mais, teu irmão foi p'rá guerra e tu é que lucras, João, ajudando teu pae que está velho. Olha que é por mor d'elle fazer as leirinhas que nos deu, que nós inda comemos esta ceia!...

— Mau, mau! Não quero sermões! Eu não fui creado pra isto! Vida larga! O pae, cá olhará por ti e depois o dinheiro cá vem ler. Dá cá o caldo, que quero ir dar-lhe a noticia...

Maria já chorava quando esta dura ripostada lhe chegou aos ouvidos. Poz o caldo na mezê e sentou-se no rebordo da pedra do lar, onde os pequenos brincavam, atirando agulhas de caruma ao lume vivo.

Tragado o caldo, João levantou-se e sahiu. Batiam trindades. Um dos filhinhos puxou pelo avental á mãe que com elle enxugava as lagrimas:

— O' mãesinha, o pae a donde vae?

Maria descansou uma mão na cabeça da creança, mirou-a atravez do envidrado das lagrimas, já livres de derramarem-se, — e chorou mais copiosamente. O luar assomou pela janella, a beijar de alvor aquelle quadro de dor e quasi-lucto.

... De madrugada, João deu volta á fechadura. Maria, que não se deitara ajoelhada aos pés da cama dos filhinhos, pedia á Senhora da Pena que lhe trouxesse o homem depressa.

Quando no dia seguinte n'uma revolta da estrada a diligencia appareceu ao topo d'um

cerro aboleado sobre o valle, elle, cabo de pioneiros, Cruz de Guerra ao peito, não pode conter se, deitou a bem formada cabeça de moço de lavoura fóra do carro, e gritou com voz forte:

— Eh lá! Cá está a minha terra!

Os dois lavradores que faziam no banquinho fronteiro a mesma longa, infermina jornada de S. Pedro da Torre, contagiaram-se da farta alegria em que trasbordava todo o coração do rapaz:

— Ainda bem! disse um.

— Seja Deus louvado, moço! completou o outro, velhote, rapado, uma cara larga e sadicamente corado de lavrador batido.

O sol ia a prumo. De vez em vez, bafordas quentes varriam a estrada e mal moviam as grimpas das arvores e as pontas dos tojos e das urzes. As cascas era mais brancas nospaldares dos montes e montados, e nos als margens as folhas uberes dos mil os altos luziam tons metallicos.

O cocheiro rogava pragas na boleia desabrigada e parecia querer obrigar os animaes, atanzados pelo mosquedo bravo, arregoados de suor, largando pastas de espuma no coiro dos tirantes, a fugir, n'um galope voado, d'aquella soalheira do inferno!

Ah! que nem vocemecês sabem! Poucas vezes pensei de cá tornar! explicou o cabo remettendo a cabeça sob o tejadilho. Andá a gente por terras do

raio, ao frio e ao que vem, com as granadas e os morteiros a zunirem e a morte a dois passos, a dizer-nos: é hoje, é amanhã que até imagina impossivel cá chegar com os ossos direitos...

Os olhos clareavam n'aquellaface tostada, e de labios grossos e buço negro, pousada sobre um esplendido arcaboço, e este n'umas pernas vigorosas cuja musculatura repuxava dos vólulos das *grevas* e dir-se-hia arfar, com todo o corpo, sob a mescela grossa da farda desabotoada...

— Vá que você inda teve sorte! disse o velhote. Chegou hontem o filho do tanoeiro, escalavrado, com dois traços de carne cortados um na cara, outro n'um hombro, diz que d'um *tilhaço*... É mais não trazia dependurada essa medalhá que você ahi traz.

— Meu amigo, commentou o outro — typo de vendeiro, que vinha de Cerveira — nem todos fazem por elle. Elle que a tem, é que a ganhou.

O cabo curvou um tanto a cabeça, n'um geito de modestia reservada que se lhe lia sincera, e começou de contar, com a tosca belleza d'uu painel de alminhas, um episodio do 9



Quando a diligencia appareceu...

d'abril, a 720 metros dos allemães que avançavam em formações cerradas, em Laventie, um fogo arrazador, os bravos da Brigada do Minho agarrados ás culatras das peças, espêcados no terreno, doidos de gloria e de raiva, — gente do Norte! — n'um pandemonio de desespero, n'uma contensão enorme, suprema, de se baterem até ao fim, de morrerem até alli,

como *serranos*, como minhôtos, como heroes!

O tenente M. cahira-lheaolado, a cabeça cortada por um borbofão de sangue, d'alto a baixo. Elle era então de infantaria, do 3 de Vianna. A retirada, encetara-se, palmo a palmo, á portugueza. Os allemães vinham já a engalfinhar-se sobre os dez que restavam da companhia...



Cabo de pioneiros, Cruz de Guerra ao peito...

— Dois que iam a deitar-se a mim, foram p'ró diabo! pormenorizava o José, já de cabeça levantada, o olho em áscua. Peguei no meu tenente ao collo e vim embora. O meu tenente morreu-me nos braços e lá ficou... Amigo da gente e valente, como um homem! A mim, ao depois, quando os restos da brigada se apresentaram na formatura, deram-me as divisas e esta alemança — que eu só fiz como os mais, e a minha tristura foi o meu tenente morrer-me no caminho...

E foi assim que elle rematou a sua narrativa de soldado, simples e grande como a sua bravura, e como a saudade exhalada n'aquelle brado d'alma:

— Cá está a minha terra!...

A diligencia parara á sombra no largo, de frente da Camara. A' entrada da villa, já o soldado mal se bastava para dizer adeus a estes, áquelles, qme acorriam:

— E' o Zé do Casal!

O cocheiro, alagado, deu duas palmadas nos quartos das bestas que escarvavam, resfolgantes, como se tambem estivessem rogando pragas ao sol, e trepou a retirar a pequena caixa de madeira que encerrava todo o haver do cabo de pioneiros.

Andava este relanceando os olhos á procura d'algum conhecido que fosse lá para baixo,

roçando por sua casa. Topou ao fim de poucos minutos um visinho e foi-se direito a elle:

— O' sê Manuel, diga lá á minha irmã, á nossa Rosa, que venha cá acima pra me levar esta caixa de roupa. Mas tome tento, não falle ao pae, por causa do susto... Que eu, como vocemeçê vê, estou rijo e são!

Poz-se o outro a caminho. Ao passar no Casal, e quando ia a chamar pela irmã do recém-vindo, surgiu-lhe á janella a cara do pae.

— O seu filho Zé está lá em cima e diz que lhe vão buscar a mala.

— Você que diz?! tornou o velho assombrado.

O visinho repeliu o recado.

— Isto será milagre, ó ser Antonio!

— Olhe que eu não sei. Digo-lhe que estimei, e que o rapaz está lá em riba a vender saude. Mande lá já!

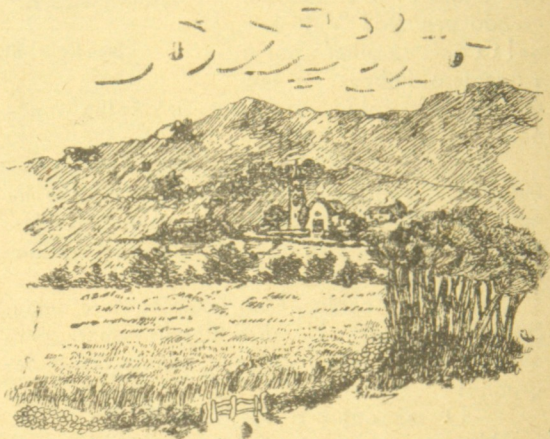
Meia hora depois, José, a uns dez passos da porta de casa, com a irmã ao lado, a rir-se de alegria, divisou os paes:

— O' meus paesinhos!

E n'um abraço estreitou de encontro ao premio do seu heroísmo os corpos dos dois velhinhos.

Entraram. José declarando que não tasquinhára mais que um pãosito desde Barca d'Alva, passou logo á cosinha.

Foi alli que o pae, surprezo e ufano, adivinhando tudo, reparou na Cruz de Guerra.



Deante d'elle estava toda a sua terra.

— Então que vem a dizer isto, ó rapaz?

José aproximara-se da porta que dava para o eirado. Deante d'elle estava toda a sua terra, os milharres, os linhos, o pinheiral, a fila dos amieiros assignalando o rio, a igreja na outra encosta, tudo cheio da gloria do sol e das benções do Senhor, tudo a cantar no susurro claro das levadas soltas a amamentar o solo, e no azul suavissimo, poalhado de oiro, do lindo céu do Minho!



*Povoação de Varzim* — Um grupo de banhistas bracarenses antes do banho.

Mas o rapaz não a ouvia. Estava tonto de luz com a saudade a estôrcer se, na agonia . . .

Cortando-lhe rápido a queixa maguáda, voltou-se, e pondo a mão no hombro d'ella, apontou com a outra lá para fora, enfiando na mesma direção os campos e a igreja ;

— O' mãesinha, olhe a nossa terra!

E de braços e peito abertos, como a abraçar e a offercer-se, largou a correr por entre os milhos . . .

Terras do Coura,  
agosto — 1918

*F. a' Almeirim,*

Atraz d'elle, a mãe olhava para aquelle corpo tão robusto, tão bello, tão bem lançado, que gerára. E sem querer, lembrou-se do filho que fugira para França renegando a terra, acicatado pela sêde ardente do ganho, e po-lo, na mente, ao lado d'aquelle garlhado moço que sem lucro, em França arriscára a vida, e de lá vinha alado de audades do lar! O contraste envevou-lhe o coração:

— José, o teu irmão, hontem . . ., ia a contar.

A *Illustração Catholica* querendo render uma justa homenagem aos soldados portuguezes mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros nos campos de batalha de França e Africaem por este meio rogar aos seus ex.<sup>mos</sup> assignantes, colaboradores, correspondentes e leitores o obsequio de conseguir das familias d'estes heroes as suas fotografias para aqui serem publicadas em logar proprio.

Restituem-se as fotografias. |

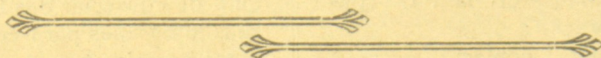


[ *Povoação de Varzim* — Um aspecto dos penedos onde se veem muitos banhistas de Braga.



*Povoia de Varzim* — Algumas familias de Braga depois d'um passeio pela praia.

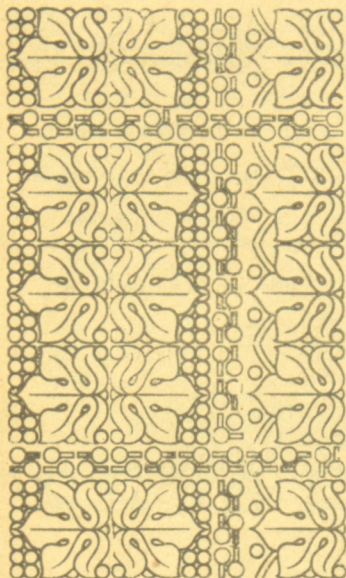
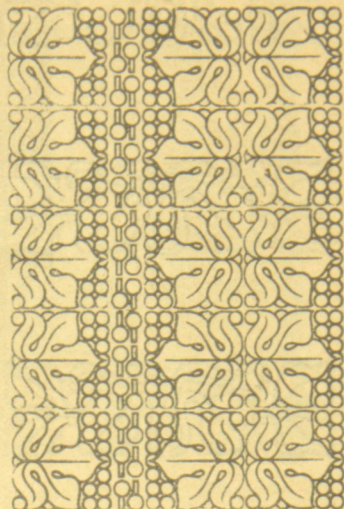
(Clichés da phot. Belleza).



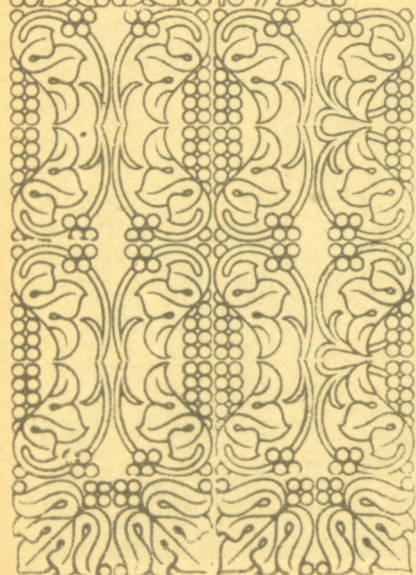
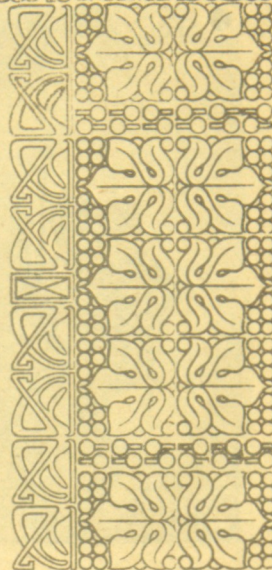
*Guimarães* — Directora e alumnas do Collegio de Nossa Senhora da Conceição.



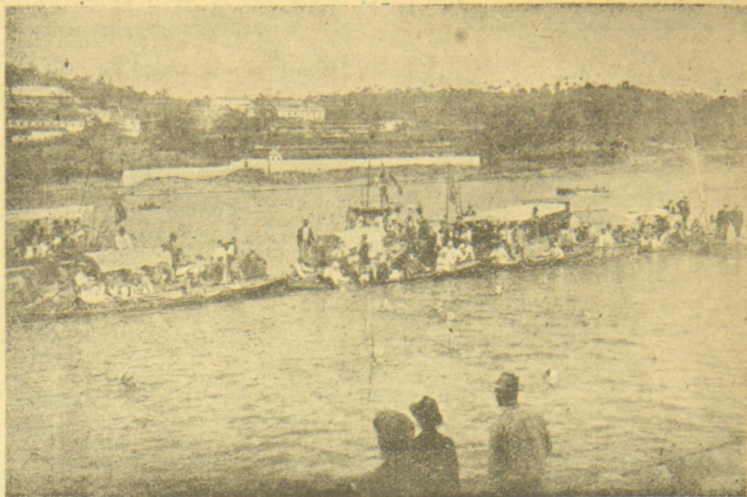
A tripulação vencedora na corrida de guiges.



A tripulação vencedora na corrida de renders

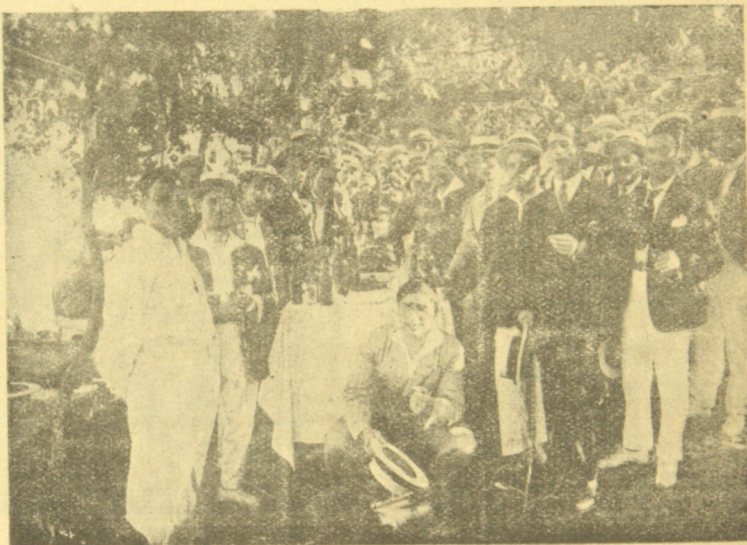


Grupo de teams do Sport Club do Porto e do Salão Sport.



- 1. — Uma phase do jogo.
- 2. — Um aspecto da assistencia.
- 3. — Grupo de convivas que tomaram parte no *lunch* offerecido pelo Sport Club do Porto.

(Clichés de Joaquim d'Azevedo).

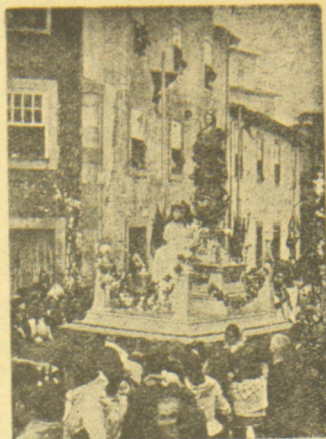




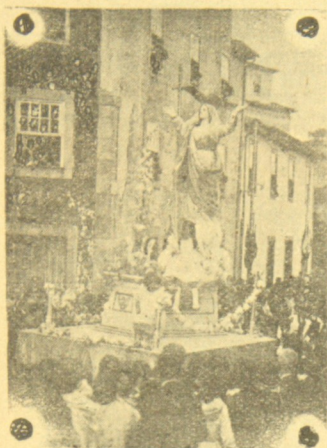
Os 33 dores na procissão — O andor da Fé.



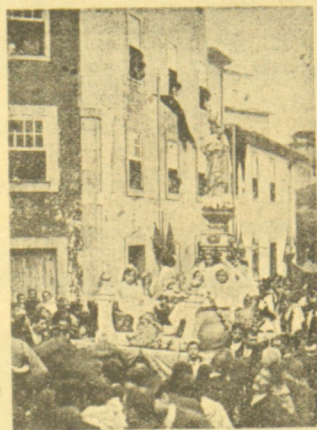
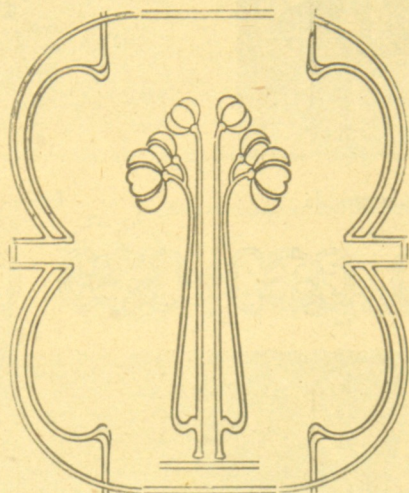
O andor da Coroação da SS. Virgem.



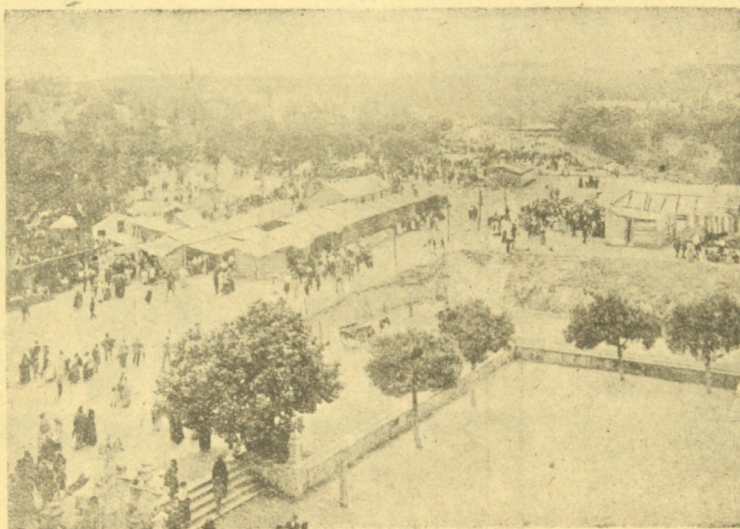
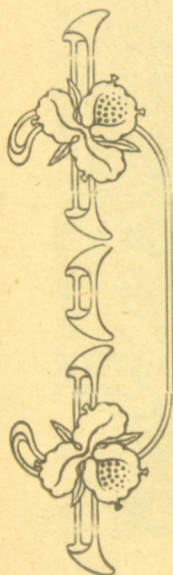
O andor de N. S. da Conceição.



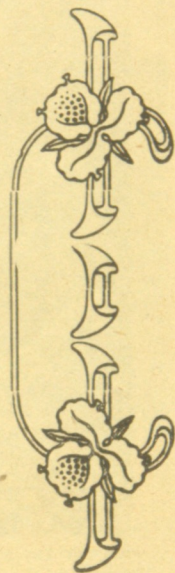
O andor de N. S. d'Assumpção.

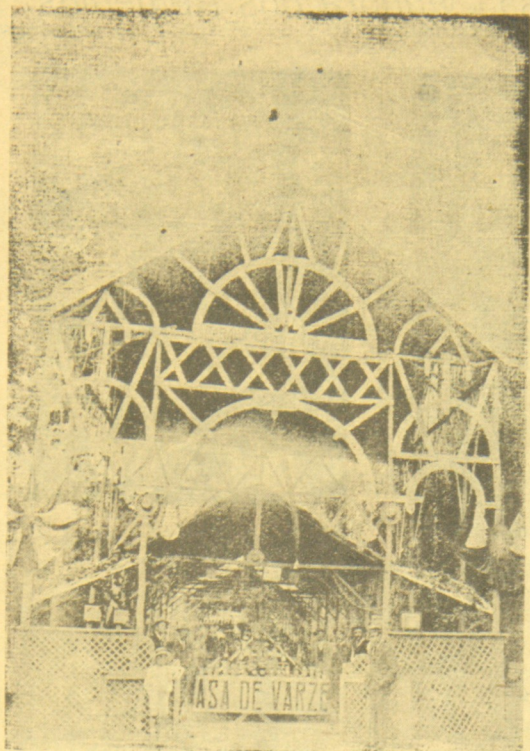


O andor de N. S. dos Remedios.

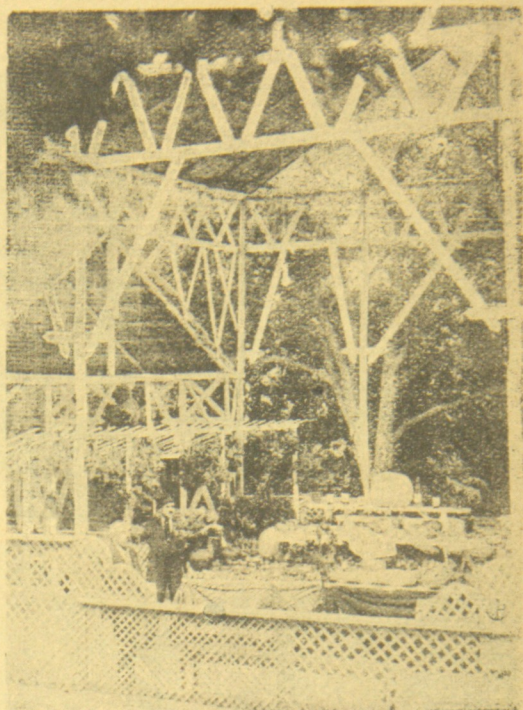


Vista geral do abarracamento no Parque.





Lamego — Entrada para a Parada agrícola.

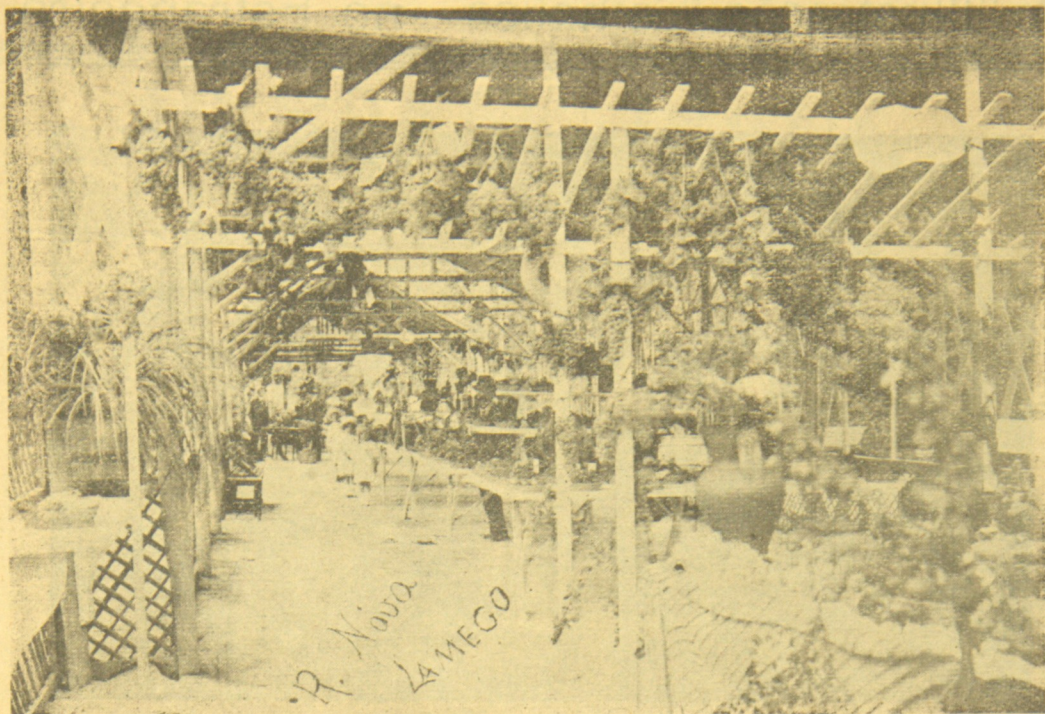


Exposição da Casa das Broilhas.



Exposição da Casa da Varzea do Exc.<sup>mo</sup> Sr. D. Bernardo da Silveira.





Lamego — Um aspecto do interior da Parada agricola.



## Portuguezes na guerra

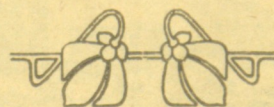


Lamego—A menina Natividade d'Almeida com o frajo de lavradeira.

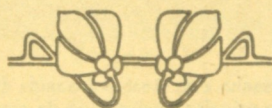
(Cliché do nosso corresp.  
phot. João Gonçalves.)



Albano d'Araujo Peixoto,  
prisioneiro de guerra em Munster,  
Allemanha.



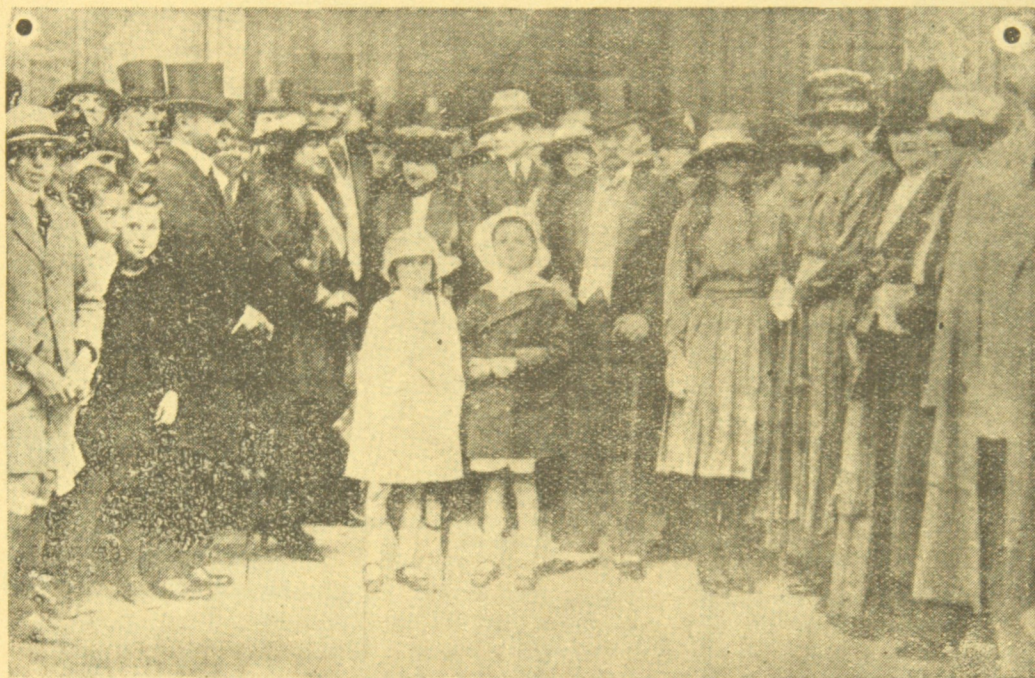
Antonio Alves Jacome.  
2.º sargento de infantaria,  
prisioneiro dos allemães  
no combate de 9 d'Abril.



# A "Ilustração Catholica" no Estrangeiro



Hespanha — A Rainha Christina sahindo d'uma igreja em San Sebastian, onde foi assistir aos actos religiosos.



Hespanha — Os embaixadores da Allemanha e da Austria á sahida da igreja do Bom Pastor, em San Sebastian, depois do «Te-deum» pelo primeiro anniversario da coroação do Imperador d'Austria.

# LIVRARIA CRUZ

## BRAGA

Telephone n.º 29      Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

**Casa fundada em 1888**

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

# Vago

*Contra riscos de guerra terrestres e maritimos, grèves, e tumultos em mobílias e edificios particulares, segura a Companhia Luzo-Brazileira de Seguros*

# SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião  
19-2.º — Tel. Exp.ª C. 2961. Tel. da Direcção:  
C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sotto-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoas de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

**Manuel da Conceição Rocha**

Largo do Barão de S. Martinho — BRAGA.

## Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmoniums, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

**Aurelio Monteiro & C.ª**

Rua do Davidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa  
Numero avulso 300 rs. (moeda brazileira)

# Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

## Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com summa brevidade e maxima economia.

*Tem annexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos 'Echos do Minho', e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição, e economia.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.º Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

**BRAGA**